
AUTORES:José Augusto Santos ¹Tânia Amorim ¹¹ CIFI²D, Faculdade de Desporto
Universidade do Porto, Portugal<https://doi.org/10.5628/rpcd.13.01.113>

A formação de doutores e mestres na conjuntura atual: Ou a vingança dos escravos.

07

PALAVRAS-CHAVE:

Educação. Doutores e mestres. Civilização.

RESUMO

Os tempos atuais são caracterizados pelo convívio conturbado entre civilização e barbárie. A força imperativa das leis biológicas que regularam a emergência do humano como espécie acabada ainda subsiste sem rédeas culturais que a controlem. Já os nossos “pais” gregos tinham vislumbrado que a evolução técnica e a capacidade de dominar a natureza não eram suficientes para o homem viver em paz. A arte política, ou seja a capacidade de viver em comunidade respeitando os superiores interesses da *polis* na procura da máxima realização individual, só poderia ser conseguida através da educação. Só a educação poderá aumentar o campo de civilização ganhando espaço à barbárie que ainda subsiste em focos infecciosos que enfraquecem a sociedade como um todo. A educação afasta as nuvens do desconhecimento, atenua a força dos dogmas religiosos e cria um ambiente cultural que permite a emergência da razão crítica que liberta o homem dos seus medos e incongruências. Esta aventura de transmissão dos saberes, livres das teias dos dogmas, começou na Grécia Antiga e teve nos filósofos e pedagogos os seus exímios condutores. Parte da educação do jovem grego era ministrada pelo pedagogo, não raras vezes, escravo de outras cidades gregas cooptado pela força das armas nas várias pugnas que caracterizavam o viver pan-helénico. Assim a formação de mestres e doutores na conjuntura atual reedita os passos da construção da Paideia em que o pedagogo/ escravo, iluminado pela luz libertadora dos filósofos, detonava nos jovens o gosto pelo conhecimento e a procura de um sentido para a vida.

Correspondência: José Augusto Santos. CIFI²D, Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.
Rua Dr. Plácido Costa, 91, 4200-450 Porto, Portugal (jaugusto@fade.up.pt).

The education of doctors and masters
in the current situation:
Or the vengeance of slaves.

ABSTRACT

Nowadays are characterized by a turbulent interaction between civilization and barbarism. The binding force of biological laws that had regulated the emergence of the human between the diverse species still remains without any kind of cultural control. Our Greek "parents" had glimpsed that technical development and the ability to dominate nature were not sufficient for man to live in peace. The art of politics, as a capability of living in community respecting the polis interests while searching for the maximum individual development, can only be achieved through education. Only education can increase the cultural and civilizational field, gaining space to barbarism which still remains as an infectious focus that weakens the society. Education removes the clouds of ignorance, attenuates the strength of religious dogmas and creates a cultural environment that allows the emergence of critical thinking that frees man from his fears and inconsistencies. The adventure of knowledge transmission, free of dogma cobwebs, began in Ancient Greece where philosophers were pedagogues' mental drivers. Part of the education of the young Greek was taught by the educator, frequently a slave who belonged to other Greek cities defeated by force of arms in the various struggles that characterized pan-Hellenic life. So the education of masters and doctors at this juncture replays the steps of the Paideia construction in which the educator/ slave, illuminated by the liberating light of the philosophers, instills in the youth the desire for knowledge and a strong drive for searching the meaning of life.

KEY WORDS:

Education. Doctors and masters. Civilization.

As palavras são sempre insuficientes para nos dizermos.
 As coisas comunicáveis pela palavra são sempre
 superficiais, epidérmicas. As coisas
 profundas só são exprimíveis
 pela arte

AUTOR DESCONHECIDO

No Mito de Prometeu, expresso por Platão no seu diálogo Protágoras, os deuses, após o imenso trabalho em construir todas as espécies animais, encarregam Prometeu e Epimeteu de vir distribuir as capacidades específicas que melhor permitissem a sobrevivência de cada uma. Essa árdua tarefa calhou a Epimeteu que foi distribuindo tamanho, força, velocidade, capacidade de voo ou fuga, sempre visando a preservação de cada espécie. Dotou-as com meios de sobreviver ao frio e ao calor, distribuindo equitativamente o alimento de cada um. A lucidez distributiva de Epimeteu foi ao ponto de reduzir a prole dos carnívoros, aumentando a prole das suas vítimas, determinando assim um equilíbrio ecológico exemplar. Quando Prometeu veio fazer o *briefing* da obra de Epimeteu verificou que este, no afã de potenciar as várias espécies com os meios da sua sobrevivência, se tinha esquecido da espécie humana que permanecia frágil e desprotegida. Solucionou o problema, roubando a Efesto o fogo e a Atena a aptidão mecânica, outorgando ao homem a possibilidade de defesa (e.g., casas e abrigos) e alimentação (e.g., caça), sem as quais este soçobriria. Prometeu reforçou as capacidades humanas dando ao homem voz para articulação da linguagem com a qual comunicaria com os seus iguais e honraria os deuses que lhe tinham dado tão excelsas qualidades. No entanto, as faculdades humanas estavam incompletas porque faltava algo fundamental – a arte política, ou seja, a arte de viver em conjunto, já que sem essa faculdade o homem se destruiria pela luta e dispersão. Para evitar a exterminação da espécie humana, Zeus, a partir da sua magnificência Olímpica, intervém mandando Hermes levar ao homem o respeito recíproco e a justiça que seriam o cimento de uma relação duradoura, alicerçada na solidariedade e tolerância. Zeus, com a onipotência do seu cargo, ordenou compulsoriamente que todos tinham de participar na arte política sobre pena de excomunhão ou mesmo morte. Esta obrigatoriedade evidencia a importância ontológica do homem que não pode, nem deve, alienar a expressão máxima da sua individualidade – a sua consciência.

No entanto, também Zeus deixou a obra humana incompleta. Esqueceu-se do essencial, ou seja, da capacidade de transmissão dos saberes específicos do homem. Enquanto as outras espécies animais transmitiam as suas potencialidades de sobrevivência por via biológica, a particularidade humana fazia emergir um fator novo e determinante para a sua sobrevivência – a cultura, que não pode ser transmitida através do património biológico da espécie.

Onde encontrar a possibilidade de transmissão da cultura humana? Aí já não foram os deuses a dar a solução mas sim o homem, ele próprio. Os deuses criaram o homem, o ho-

mem criou a Paideia. Esta, levada a cabo muitas vezes por escravos, constituiu um veículo de educação e formação, criação e investigação, pergunta e resposta, que transportaram o homem para o atual estado civilizacional.

As sociedades atuais navegam em águas revoltas. Mas, não marquemos a cultura e a ciência com o anátema da culpa pelo que de mau acontece nas sociedades atuais. Se, hoje, muitos países possuem a possibilidade de destruição do planeta, a culpa não é da ciência mas sim da tecnologia que dela emana ao sabor dos mais ínvios interesses humanos. "Não é a ciência que é responsável pelas armas atômicas, pelo buraco na camada de ozono, pelo aquecimento global, etc., na melhor das hipóteses, a ciência é aquele ramo do conhecimento que ainda é capaz de nos avisar sobre os riscos que corremos quando, mesmo aplicando os seus princípios, depositamos a nossa confiança em tecnologias irresponsáveis" (Umberto Eco. Tentativa e Erro. Diário de Notícias de 22 de agosto de 2004. Tradução de Cristina Magalhães Queiroz)

Com base nestas preocupações, procuremos tentar responder à importância da formação de mestres e doutores na sociedade atual. O que estes acrescentam à educação e desenvolvimento do homem? Caminhemos, passo a passo, na tentativa de encontrar uma resposta, senão filosoficamente satisfatória pelo menos formalmente elegante.

A educação humana, fundamenta-se na necessidade das gerações hodiernas passarem às gerações vindouras o testemunho do conhecimento recebido das gerações precedentes, e ao qual acrescentaram os nexos do seu tempo.

Como nos diz Karl Popper, a vida não é estática nem acomodatória; a vida procura problemas e é na resolução desses problemas que como diz o poeta António Gedeão "o mundo pula e avança como bola colorida entre as mãos de uma criança".

Aqui entram os fundamentos culturais e científicos que justificam a aposta na formação atual de mestres e doutores. Estes, têm a obrigação de formular perguntas inovadoras e tentar respondê-las com o esforço do seu empenhamento intelectual movido pela energia da vontade.

A aventura da formação humana entronca na própria filogénese do homem. Este, encontrou na eficácia da transmissão dos reduzidos saberes primitivos o cimento estruturante da sua própria sobrevivência como espécie. O homem construiu assim o seu nicho ecológico que lhe permitiu evoluir no progressivo domínio do seu envolvimento.

A transmissão dos saberes aprendidos, emergentes das respostas aos desafios impostos pelo envolvimento, impôs-se como imperativo de sobrevivência na história do desenvolvimento humano.

Mas, a aventura do conhecimento humano, sofreu reveses redutores depois do iluminismo Grego. É na cultura Grega que podemos ir encontrar a génese e os fundamentos de quase todas as matérias de estudo modernas: matemática, geometria, ginástica, retórica, música, gramática, etc.. O salto qualitativo cultural do povo grego consubstancia-se numa nova atitude perante a vida: "Saber gozar a beleza artística sem preocupações didascálicas

cas (didáticas), ter o gosto de interrogar a Natureza nos seus segredos, libertos de toda a mentalidade mágica ou ritualística, ver na história a obra consciente dos homens e não de obscuras forças divinas ou demoníacas, eis a atitude que os gregos foram os primeiros a desenvolver, e talvez de maneira ainda não superada" (1).

Enquanto outras civilizações contemporâneas da civilização Grega eram controladas por poderosas classes sacerdotais e guerreiras que detinham o monopólio do saber e do poder, na Grécia o saber é do domínio dos filósofos, que preconizam a liberdade de espírito como imperativo existencial do homem.

Os Chineses (Confúcio), os Indianos (Buda), os Judeo-cristãos (Cristo) são povos de civilizações estáticas cujo formalismo permitiu o aparecimento de vários "iluminados", rapidamente divinizados pelo povo inculto. Na Grécia não existem iluminados mas sim filósofos (amigos da sabedoria), que de forma sistemática interrogam a vida e a natureza. Esses pensadores, tanto exaltavam a justeza heurística na procura de respostas inteligentes para as perguntas fundamentais que penetram o existir humano, como ajudavam nas soluções para os problemas prosaicos do viver quotidiano em sociedade, contribuindo assim para a elevação cultural e dignidade cívica do seu povo.

Os filósofos Gregos são os pais espirituais dos atuais mestres e doutores, o que responsabiliza mais estes do que engrandece aqueles. Depois, de um período de trevas para o conhecimento livre e verdadeiramente perscrutador, as sociedades modernas convivem na luta entre o dogmatismo mais fundamentalista e o iluminismo que tenta libertar o homem das suas teias dogmáticas.

Qual o fundamento social e ontológico de um saber superior? Porque devemos rejeitar a "iluminação" porfiando no iluminismo? Porque o iluminismo científico e cultural permite ao homem sair dum estado de menoridade e subserviência mental e erigir-se como exclusivo fator do seu crescimento interior e da sua afirmação social. O homem livre não necessita de gurus iluminados, que o ensombrem com as portas do esotérico, mas sim de mãos amigas que o ajudem a subir os degraus do conhecimento.

Por isso a formação de mestres e doutores, mais que a promoção de elites que têm no conhecimento cultural e científico os muros da sua inacessibilidade, deve procurar formar seres que não tenham medo da sua afirmação individual e a coloquem quer ao serviço do seu crescimento interior, através da expansão dos saberes e competências e da emergência de valores cada vez mais elevados, quer na melhoria da sociedade como um todo.

Formar mestres e doutores, pelo menos nas ciências da educação, consubstancia um ato histórico de justiça que entronca na Grécia Antiga.

Recuemos à grande nação Grega da Antiguidade.

Os cidadãos gregos livres eram iguais perante a lei (isonomia), destruindo-se assim o conceito de casta que marcou muitas civilizações precedentes. No entanto, esta igualdade democrática era de abrangência limitada pois só se estendia aos cidadãos livres. Os escri-

vos e os estrangeiros não tinham qualquer direito de cidadania. Este facto, que aos nossos olhos parece desumano, era a resultante natural das guerras entre estados, que criavam legiões de escravos que propiciavam mão-de-obra barata. Existia pelos escravos na Grécia Antiga um respeito humano que os elevava muito acima dos assalariados modernos que são explorados, por vezes, de forma mais vil. Era usual entre os gregos antigos escolher escravos que se responsabilizavam da educação dos jovens. Eram os pedagogos, verdadeiros precursores dos professores atuais, que acompanhavam os jovens à palestra, e lhes incutiam a observância pelas regras primárias de cidadania e de organização pessoal. A escravatura na Grécia tinha um carácter particular, e estava muito distanciada de outros movimentos esclavagistas dos quais, historicamente, nós portugueses fizemos parte e que, sob a égide de um dogma religioso e por cobiça económica e expansionista, agrediram as mais basilares noções de humanidade.

Assim, a formação de mestres e doutores para lá da suprema importância social que comporta representa um ato de justiça histórica que permite que os “escravos” se elevem em conhecimento e se aproximem cada vez mais dos filósofos que lhe servem de referência, cumprindo os preceitos socráticos, de que mesmo um “escravo”, quando bem orientado, é capaz dos raciocínios filosóficos mais profundos.

1. Abbagnano N, Visalberghi A (1957). *História da Pedagogia*. Lisboa: Livros Horizonte.
2. Burns EM (1980). *História da Civilização Oriental* (vol 1). Lisboa: Círculo de Leitores.
3. Hammond NGL (1986). *A History of Greece to 322 b.c.* (3rd ed). Oxford: Clarendon Press.
4. Jaeger W (1979). *Paideia. A formação do homem grego* (trad. AM Parreira). Lisboa: Editorial Aster.
5. Kitto HDF (1990). *Os Gregos*. Coleção Studium (trad. JMC; rev. MH Rocha Pereira). Coimbra: Arménio Amado.
6. Pereira MHR (1987). *Estudos de História da Cultura Clássica* (vol I). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
7. Platão (1999). *Protágoras* (versão de Ana da Piedade Elias Pinheiro). Lisboa: Relógio d'Água Editores.